



# Roteiros

8. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

## EDITORIAL

ADRIANO MOREIRA

### A NOVA ORDEM MUNDIAL

No dia 9 de Agosto de 1961, a corrente diária de refugiados do Leste europeu, que procuravam instalar-se na República Federal da Alemanha, atingiu o pico de 1926 pessoas. A Assembleia Popular votou os plenos poderes ao Governo da RDA e, na noite de 13 de Agosto, o Exército ocupou Berlim-Este, começando a instalação da barreira que viria a tomar forma definitiva com o Muro de Berlim. Os Aliados, numa nota de protesto de 19 de Agosto, dirigida à URSS, acusaram-na de violar o estatuto das quatro potências sobre a cidade, nota que foi imediatamente rejeitada. A França e a Inglaterra reforçaram os contingentes das suas zonas respectivas, e os EUA, pelas vozes do Vice-Presidente Lyndon Johnson e do general Lucius D. Clay, deram a sua garantia aos berlinenses ocidentais, e enviaram 1500 homens para assegurar a defesa.

No dia 9 de Novembro de 1989, e na crista de uma acelerada evolução que radica na intervenção de Gorbachev, os Berlinenses derrubaram o símbolo da ordem estalinista, sem intervenção contrária das forças de segurança, as mesmas que marcaram a sua presença e função com a morte de 79 revoltados que, ao longo deste período, procuravam juntar-se aos ocidentais. O real estatuto político da cidade foi, portanto, longamente, o símbolo do confronto entre duas concepções do mundo e da vida, cimeiramente representadas por dois Governos de vocação mundial, acidentalmente aliados na última guerra civil dos ocidentais, à qual chamamos a Segunda Guerra Mundial, de 1939-1945. Quando esta terminou, a Europa tinha perdido a direcção política do Euromundo, que levava séculos a edificar para o fazer ruir em seis anos, e para que o seu território parecesse, então, destinado à alternativa de ser uma

moeda de troca ou um campo de batalha. Rapidamente, e em consequência do assumido poder nuclear, a sempre existente hierarquia internacional dos poderes políticos viu aparecer um novo qualificativo para uma nova majestade: foram as superpotências.

Durante este meio século, a política do cordão sanitário assumida pelos Aliados no fim da Guerra de 1914-1918, para conter a exportação da revolução soviética, foi realmente ressuscitada com dimensão mundial, pela teoria de Pactos militares, organizados ao longo das fronteiras do mundo comunista, tendo sempre os EUA como Estado director, e avultando entre eles, no que mais directamente nos interessa, a NATO, uma instituição definitivamente com lugar na história da liberdade ocidental.

Todavia, pela margem sul destes Pactos, uma estratégia bem concebida e executada pela URSS, que na Europa dirigia o Pacto de Varsóvia, foi recorrendo às incertezas, às revoltas e às guerras marginais, que passam pela Coreia, pelo Vietnam, pelo Yemen do Sul, pela abertura da rota do Índico para o Atlântico, que se apoia na inquietação permanente que teve expressão no Norte de Espanha e no Norte da Irlanda, e a explosão mais desafiante em Cuba e na América Central. O sentimento de cerco que Moscovo invocou, em 1918, para movimentar o patriotismo contra o cordão sanitário ocidental, e que de novo mobilizou a NATO e Pactos complementares, começou a parecer que escolhia domicílio em Washington. A tradicional transferência da sede do Poder, do Presidente para o Congresso, também chamou a atenção para o seu significado habitual, que é o de revelar a necessidade de rever a política externa.

(Continua na página 4)



# MOVIMENTO DE

## SÓCIOS FUNDADORES

Prof. Dr. Adriano Moreira  
Rua de Alcolena, 15  
1400 Lisboa  
Telef. 61 31 19

Rev.º P.º António Alves dos Campos  
Av.º Columbano Bordalo Pinheiro, 95-8.º Dt.º  
1000 Lisboa  
Telef. 726 12 39

Dr. António Marques Bessa  
Rua do Moinho, 44  
2725 Mem-Martins  
Telef. 921 02 94

Dr. António Pinheiro Torres  
Av.º Dr. Augusto de Castro, 10, r/c. Fte.  
2780 Oeiras  
Telef. 43 54 84

Dr. Ernesto Manuel Correia de Moura Coutinho  
Av.º Ilha da Madeira, 42, 5.º Esq.  
1400 Lisboa  
Telef. 346 68 70

Dr. Jaime Nogueira Pinto  
Campo Grande, 398 - 1.º  
1600 Lisboa  
Telef. 759 16 16

Dr. João Abrunhosa  
Av.º Camilo Castelo Branco, 44-5.º Dto.  
2700 Buraca  
Telef. 97 63 02

Jão Maria Mourão Pulido de Almeida  
Casa do Souto  
4890 Gandarela de Basto  
Telef. 5 51 42

Rev.º P.º Joaquim António de Aguiar  
Av.º das Forças Armadas (ao Colégio Univer. Pio XII)  
1600 Lisboa  
Telef. 76 71 46

Dr. José Adelino Maltez  
Rua Cidade da Beira, 56 - 5.º B  
1800 Lisboa  
Telef. 31 98 85

Manuel Monteiro  
Rua Carlos Lacerda, 2, r/c. Esq.  
2780 Oeiras  
Telef. 443 09 84

Margarida Lima Mayer  
Rua Costa Pinto, 8  
2780 Paço de Arcos  
Telef. 443 20 08

Dr.ª Maria Leonor Maia C. H. Avillez  
Alto das Necessidades — Vila Fresca de Azeitão  
2925 Azeitão  
Telef. 20 86 01

Dr.ª Maria Regina Marchueta  
Av.º Almirante Gago Coutinho, 141  
1700 Lisboa  
Telef. 88 27 13

## SÓCIOS EFECTIVOS

Dr. António Afonso Ferreira  
Praça do M. F. A., 5 - 9.º Esq. C  
2800 Almada  
Telef. 276 63 08

António Mendes  
Rua Capitão Santiago de Carvalho, 6 - 1.º Dt.º  
1800 Lisboa  
Telef. 31 01 48

Prof. Arnaldo Alberto Pereira Santos  
Rua Rodrigo da Fonseca, 24 - 7.º  
1200 Lisboa  
Telef. 57 35 21

Eng.º Artur Manuel da Silva Marques  
Rua Escola Primária, 13 - 2.º Esq.  
2780 Porto Salvo  
Telef. 37 20 61 - Ext. 3335

Aura da Fonseca Dias Nobre Marques  
Rua Afonso opes Vieira, 46 - 1.º Dt.º  
1700 Lisboa  
Telef. 77 82 53

Dr. Hélio Ureña Prieto  
Rua José Lins do Rego, 26 - 4.º Dt.º  
1700 Lisboa  
Telef. 76 41 76

José Manuel Monteiro Correia  
Rua Infante D. Henrique, n.º 21 - Bloco A - 7.º C  
8500 Portimão  
Telef. 082 - 2 76 30

Dr. J. M. Andrade Pereira  
Largo João de Almeida, 20 - 1.º  
6300 Guarda  
Telef. 2 29 21

Prof. José Maria de Sá Morais  
B.º da Cooperativa - Bloco A - Ent. 1 - 1.º Esq.  
5300 Bragança  
Telef. 2 39 13

Prof.ª Dr.ª Adelaide Gregório dos Santos da Fonseca Pires  
Av.º do Brasil, 153 - 6.º Esq.º  
Lisboa  
Telef. 89 89 31

## INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral

N.º de Registo 112 874

### ● Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres  
(Secretário-geral do IDJC)

### ● Redacção

Sede do Instituto  
R. da Madalena, 225 - 3.º Dto.  
1100 LISBOA  
Telef. 86 01 25

### ● Propriedade

Instituto Dom João de Castro  
N.º 212 873

### ● Difusão

Pedidos à Redacção

Comp. e Imp. na Mieligráficas - Coop. de Artes Gráficas, CRL  
Rua da Alegria, 30 — Telef. 36 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEOAL N.º 18 702/87



# SÓCIOS

Maria Helena Correia Samouco  
Av.º Conselheiro Fernando de Sousa - S. R. F. - 2.º Dt.º  
1000 Lisboa Telef. 68 81 31

Maria Isabel Correia Samouco  
Av.º Conselheiro Fernando de Sousa - S. R. F. - 2.º Dt.º  
1000 Lisboa Telef. 68 81 31

Dr. Manuel Luís Lopes Batalha  
Estrada dos Arneiros, 32 - 3.º Dt.º  
1500 Lisboa Telef. 715 22 06

Dr.ª Maria Victória Abadia S. Duarte  
Rua Conselheiro Albuquerque, 4 - 4.º Esq.º  
6000 Castelo Branco Telef. 072 - 2 21 17

Dr. Alexandre José Cardoso Duarte  
Rua Conselheiro Albuquerque, 4 - 4.º Esq.º  
6000 Castelo Branco Telef. 072 - 2 21 17

Mário Ramires Gonçalves Farinha  
Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Dt.º  
1000 Lisboa Telef. 54 50 78

Máximo José Alves  
Rua S. João de Deus, 37  
5300 Bragança Telef. 2 24 73 - 2 56 72

Coronel Raul da Glória Dias  
Quinta Cerro de Mercadores — Espiche  
8600 Lagos Telef. 6 91 47

Urias Nobre Marques  
Rua Afonso Lopes Vieira, 46 - 1.º Dt.º  
1700 Lisboa Telef. 77 82 555

Prof. Dr. João Baptista Nunes Pereira Neto  
Alameda Santo António dos Capuchos, n.º 6 - 4.º A  
1100 Lisboa Telef. 534 41 87 ou 53 09 12

General Pedro Alexandre Gomes Cardoso  
Rua Coelho da Rocha, 81-A - 2.º Dt.º  
1300 Lisboa Telef. 66 83 14

Maria Margarida Pulido de Almeida  
Casa do Souto  
4890 Gandarela de Basto Telef. 053 - 5 52 55

Prof. Dr. Carlos Alberto da Silva Nogueira  
Rua Salvador Allende, 100 - 4.º Esq.º  
2685 Sacavém Telef. 251 40 98

Dr. Afonso José Matoso de Sousa Botelho  
Praça João do Rio, 9 - 2.º Esq.º  
1000 Lisboa Telef. 88 40 36

Maria del Pilar Sotomayor Santos de Castro Fernandes  
Av.º João Crisóstomo, 27  
1000 Lisboa Telef. 54 79 65

(Continua na pág. 7)

## PLAM

### TERRENO OU QUINTA

Compro qualquer área

Preferência nos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais

Agradeço resposta detalhada  
com área, localização e preço a

## PLAM

Largo 25 de Abril, 4-B — ALFRAGIDE  
2700 AMADORA

## HOTEL

DIRECTOR

Vasco Filipe Perfeito

# Regina



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FATIMA (Portugal)



# A NOVA ORDEM M

(Continuação da página 1)

O peso da direcção mundial inerente à função de superpotência, além das consequências na determinação do eleitorado, teve a sua visível expressão no financiamento da defesa pelo défice, incluindo a Guerra das Estrelas do Presidente Reagan.

A outra superpotência, também sofrendo os encargos da majestade atômica e da função directora no seu campo, financiou o esforço com a tremenda dívida interna: envelhecimento do parque industrial, atraso tendente para irrecuperável em relação às rising expectations das novas gerações, sentimento de alienação das nacionalidades, carências pesadas nos sistemas educativo, de saúde e de segurança social, repressão intolerável da sociedade civil interna e das nacionalidades do Leste europeu, uma clandestinidade do Estado pesadamente financiada a nível mundial, o afloramento trágico desta linha de acção no drama do Afeganistão.

A linha do condomínio de responsabilidade mundial, para a qual a lógica dos factos encaminhou as duas superpotências, com o risco constante da escalada, conduziu ao ponto crítico em que a revisão da logística do império é a alternativa necessária para salvar a paz. A intervenção de Gorbachev de 1985, sobre a Ghanost e a Perestroika, que baseou as

políticas aprovadas pelo XVII Congresso dos PCUS no sentido de conseguir um saneamento radical do clima político mundial, ganha em ser aproximada do livro de Federico Mayor Zaragoza — «Mañana Siempre es Tarde» (1987), no qual se documenta a desastrosa situação mundial a que levou o predomínio de uma política armamentista incompatível com uma política de desenvolvimento e solidariedade entre sociedades afluentes e sociedades pobres.

O clamor pela justiça, e para a eliminação da variável do medo que a competição armamentista inscreveu na estrutura das relações mundiais, parece abrir caminho em face da assumida necessidade de revisão da logística dos impérios. Por tudo, nesta data, é desta que parece tratar-se, e, por isso, continua a ter validade o conceito de Kruchchev, segundo o qual o cerne da questão mundial esteve sempre nas relações entre as superpotências. Por isso se apazaram para Malta, onde é provável que a linha do condomínio mundial fosse submetida a auditoria.

Todavia, quando, em Novembro de 1986, na reunião anual do Comecon, as novas políticas de Gorbachev pareciam ainda simples anúncios do período de graça, nenhum dos líderes que compareceram (Kadar, Ceausescu, Honecker, Ttuong Chinh, Jaruzelski, Fidel Castro, Jiukov, Husak, Batmonh) deu mostras de presentir o extremo limite a que chegara o repúdio do sistema que representavam, nem a velocidade da mudança que não há motivo para supor que imaginaram. Tal como a retirada da Europa da frente marítima de uma posição directora, em consequência da guerra, tal como a variável do medo em consequência da corrida armamentista, também o movimento das massas do Leste europeu se configura como uma resultante que ninguém previu e que ninguém pode afirmar, com segurança, que governa. Lembrem mais homens que nunca tiveram o Poder, como Coudenhove-Kalergi ou Jean Monnet, ou os europeístas da Resistência. Todos os estadistas surpreendidos pelo que tinham pregado.

Não é fácil encontrar paradigmas na experiência passada que ajudem a entender as alternativas possíveis da evolução. Mas não é sem motivo que vem à lembrança os movimentos de massas que a Reforma produziu e que então acabaram em tão clamoroso desastre. Esta lembrança serve, ao menos, para dar base à orientação que reclama humildade, firmeza e determinação para entender o imprevisível processo e procurar assumir a direcção do mesmo no sentido dos interesses gerais da Humanidade, que são os que estão em causa, tudo contrário ao triunfalismo, à cenografia que domina tanto do discurso político interno e internacional, à ambição de aparecer na imagem do processo, sem ter estado nas causas dele. A esperança súbita de que finalmente as armas da guerra sejam substituídas pelas armas da paz exige que os príncipes que nos governam correspondam aos desafios da conjuntura com a autenticidade e grandeza dos milhões de europeus anónimos que pavimentaram com o seu sofrimento, nos dois lados da linha Oder-Neisse, os caminhos dos novos futuros possíveis.

Porque estamos em revisão da logística dos impérios, não pode querer acompanhar-se com a im-

## GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



**gertal**

**Gestão de Qualidade**

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária do bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em diversas instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição elaborada com base em produtos rigorosamente seleccionados.



# NDIAL



prudência da desmobilização desatempada a velocidade do fenómeno das massas. A falência evidente da utopia soviética não serve os interesses da paz se for acompanhada, não da reforma do regime, mas sim da catástrofe do Estado. É urgente cooperar com a mudança, se possível e sempre que possível. A liberdade da Europa do Atlântico ao Urales, que foi um programa de meio século, não é um valor que deva ceder a conservadorismos de estruturas que se recusem a racionalizar a mudança acelerada. A primeira das prioridades é o fim da corrida armamentista, assumindo a consequência da europeização da defesa na medida em que for necessário e com as consequências que tiver sobre os orçamentos comunitários e dos Estados. Não há maior investimento do que a paz confiável, e fazemos votos para que as negociações de Malta se traduzam nessa ambicionada consequência. Não existem conservadorismos legítimos em fase deste movimento, que parece ao alcance dos Europeus, que manterão as suas guardas actuais para terem a segurança de as poderem baixar sem risco. No limiar do século XXI, a conjuntura dá a primeira resposta à pergunta angustiada, formulada por Morin, sobre a questão de saber como passar de um século para o outro. Nessa perspectiva de uma nova esperança, parece necessário dar relevo às conclusões do Congresso da Europa, realizado, em 1988, na Haia, e que reclamaram a construção de um espaço articulado, económico e cultural, aberto aos países do Leste que reassumam o legado político ocidental. É da história das comunidades europeias a reacção conservadora em face de qualquer novo pedido de admissão. Mas o espírito que as circunstâncias requerem parece ser o que prevaleceu quando se procedeu à adesão de Portugal, da Irlanda ou da Grécia. Ainda que isso se traduza em algum sacrifício da perspectiva sobre a carga do que foi, entre nós, chamado as novas naus da Índia, tudo será compensado pela eliminação da variável do medo, pelo desarmamento, pela eliminação da ameaça atómica, da ameaça da guerra bacteriológica, da ameaça da avançada das tropas convencionais. Tal como parece ser a disposição do Presidente Delors ressaltar o nível do prometido, e conseguir isso, já consagra

a política de um Governo. Aventurar mais não parece estar ao alcance da informação que temos, da comprovada incapacidade de prever a velocidade da mudança e os acidentes de percurso. Mas, tal como recordava, recentemente, João Paulo II, outra coisa é contribuir com a autenticidade de uma conduta documentada pela nossa História, a favor do convívio e cooperação das diversidades étnicas, culturais e políticas na grande Europa, à luz do princípio de que todos os povos desta família têm direito a ser diferentes e tratados como iguais. Tudo com firmeza, determinação e humildade. Porque as circunstâncias nos mostram que os Governos foram surpreendidos pelo que tinham pregado, e que até a previsão do presente, de que falava Fauré, é uma tarefa que excede as capacidades governativas. Não vamos ignorar que a reunificação da Alemanha é um dado maior no quadro das inquietantes interrogações que a conjuntura suscita. Nem que são inseguras as alternativas que podem prever-se e a sua teoria de consequências. Mas talvez seja necessário fazer um esforço no sentido de remeter os temores fundados do passado para o património da experiência, não deixar que perturbem a definição de um futuro definitivamente diferente. Sem medo, como aconselhou Paulo VI à Assembleia Geral da ONU. Porque não pode ter sido inútil a experiência de meio século dominada pela variável do medo. Porque não pode perder-se a oportunidade de assumir politicamente a unidade estrutural do mundo, a possibilidade de finalmente substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. De substituir as armas da guerra pelas armas da paz.



## HOTEL ROMA

\*\*\*

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA  
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P  
TELEFONE 78 77 81 (10 LINHAS)

### EM FÁTIMA:

\*\*\*

#### HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António  
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

#### HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva  
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279



# Um escritor exemplar

## JOSUÉ MONTELLO

*Num encontro-convívio no Centro de Apoio à Juventude João Paulo II, e com a colaboração do Instituto D. João de Castro, o Embaixador do Brasil na Unesco, Doutor Josué Montello, pronunciou uma interessantíssima conferência sobre a gênese da sua obra, os problemas do relacionamento cultural entre Portugal e o Brasil, e ainda sobre a sua experiência e vivência na Unesco, no quadro que abandona agora, finda a sua missão.*

*Josué Montello é hoje um dos mais consagrados romancistas e ensaístas brasileiros, grande amigo de Portugal, onde já viveu durante alguns anos, exercendo o cargo de Conselheiro Cultural, é membro das duas Academias, portuguesa e brasileira, e de várias representativas organizações culturais do mundo.*

*Depois da conferência seguiu-se um jantar oferecido pelo Centro de Apoio, e que foi pretexto para trocas de impressões entre a assistência, na qual se viam muitos professores, escritores e antigos alunos do Colégio. A conferência assistiu o Adido Cultural à Embaixada do Brasil, o escritor João Condé.*

*Ao abrir a sessão, o Padre Dr. Joaquim António de Aguiar saudou o conferencista.*

*A seguir, o escritor Luís Forjaz Trigueiros pronunciou as seguintes palavras:*

**C**LARO que eu não teria nunca ânimo para recusar um convite do nosso querido Padre Aguiar, que tanto estimo e respeito como sacerdote e homem de acção, a quem se deve, como se sabe, tudo isto. Na verdade, não sou grande apreciador das rituais palavras introdutórias de uma conferência, e que sempre nos atrasam o início daquilo mesmo que viemos ouvir. Mas se um pedido do Padre Aguiar é para mim uma ordem, esta de hoje, foi-me tão agradável, que devo confessar quase tê-lo desejado! Na verdade, nunca me canso de falar de Josué Montello ou de escrever acerca da sua obra e da sua personalidade! Até porque uma e outra são inesgotáveis de sugestões e de reflexões; dariam, como se costuma dizer em linguagem comum, «pano para mangas». Embora eu não acredite ser necessário, para além da praxe (num estabelecimento universitário fica bem respeitar a praxe), «apresentar» um escritor como ele. Em primeiro lugar, por ser brasileiro, o que implica, desde logo, um certo tipo de familiaridade com o leitor português. E não apenas a da língua, o que é, evidentemente, fundamental, mas essa outra *familiaridade*, que esta palavra plenamente significa, certo «tom», ao qual muito naturalmente aderimos,

**LUIS FORJAZ TRIGUEIROS**

certa «cumplicidade», uma espécie de sintaxe comum dos sentimentos, à qual a modulação das naturais diferenças dos caracteres não tira a força da velha escola, sempre actualizada, no entanto.

Em primeiro lugar, pois, por ser brasileiro: essa condição genética torna aliciante a sua obra ao leitor português; — quando temos de ler, por vezes, constrangidamente, escritores portugueses, que nada têm de comum conosco e parece fazerem gala numa mexorofada despersonalizante de influências, apanhadas ao acaso — Montello, sem desvios, sem uma concessão e, sobretudo, sem fazê-lo «de propósito», escreve num português que é, porventura, dos mais belos e escorreitos que até hoje se escreveram num país como o seu, tão rico de grandes criadores de estilo, sendo visceralmente brasileiros os seus temas, ambientes e figuras. Dirão, talvez, os especialistas — e creio mesmo que já o disseram — não ser alheia a este somatório de virtudes a sua origem maranhense, pois com fortes razões chamou Tristão de Ataíde a S. Luís de Maranhão «a Atenas Brasileira»... Parece-me, no entanto, adequado, também, neste caso, lembrar um trecho do próprio Josué Montello, quando ele conta ter começado a escrever um dos seus romances, «A Décima Noite», quando, em 1957, morava em Lisboa e decidira reler velhos mestres portugueses, sobretudo Eça de Queiroz. Diz Montello: «Devo aqui lembrar que São Luís, construída por mestres-de-obras portugueses, é uma Lisboa em miniatura, com seus sobrados sobre colinas, suas ladeiras, suas casas de azulejos, as mesmas ruas estreitas com os mesmos nomes de outrora e uma luz que também se harmoniza com a claridade alta da capital portuguesa.» Infelizmente, direi eu agora, a Lisboa de 1988 não é mais a mesma de 1957, gravemente ferida pelo mau gosto, pelo novo-riquismo e pela ignorância! Mas voltando a São Luís do Maranhão, talvez que o aticismo diagnosticado por Tristão de Ataíde e, por outro lado, essa envolvimento portuguesa lembrada por Montello, estejam muito na origem de um estilo de escritor no qual se harmonizam dignidade e cromatismo, austeridade e desenvoltura, permanência e modernidade.

Seria talvez a altura — e até já o deveria ter feito — de referir alguns dos seus grandes títulos, que são glória das letras brasileiras deste século, mas, a fazê-lo, esgotaria o tempo, do qual já abusei demais! Desde esse extraordinário romance que é «Os Tambores de São Luís», fascinante e dramática saga de um longo percurso da história do Brasil, desde «A Noite Sobre Alcântara», até aos mais recentes. «Antes que os Pássaros Acordem», ou o recentíssimo e apaixonante «A Última Convidada», a obra de ficção montelliana, como tem sido notado pela







# ACTIVIDADES DO INSTITUTO

## CUMPRINDO OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

**R**EALIZOU o Instituto D. João de Castro mais um Colóquio-Debate, desta vez em Castelo Branco, subordinado ao tema «Os Descobrimientos e a Beira Baixa».

No cumprimento da missão a que propôs, interessada, sobretudo, pela divulgação e recolha de conhecimentos sobre os Descobrimientos Portugueses, foi a Exma. Direcção acolhida pela Câmara Municipal.

Acolhidos pelo Senhor Presidente, recolhidos pelo Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco e esperados por cerca de uma centena de participantes, num dia magnífico, demos início ao colóquio.

Seguiram-se as comunicações, e destas qual a mais plena de conhecimentos!

Assistia-se, de facto, ao revelar-desvendar da importância da Beira Baixa nos Descobrimientos, e não só; pretendeu-se ir mais além, ao campo das repercussões: assim, colhemos ideias que não posso deixar, embora superficialmente, de expôr.

Este colóquio-debate foi um clarão sobre os Descobrimientos, com o sentido da palavra ENCONTRO.

Encontro com outros Povos, encontro com a vocação Atlântica.

Encontro, porque nos nossos Descobrimientos se deu a união de Povos, fermentada pelo Evangelho. Nasceram ideais comuns, e o nosso Povo uniu-se na alma e, também, no corpo com variadíssimos Povos.

Daqui se concluiu, o termos sido um Povo de Descobridores «sui generis» — tocados no corpo, unidos numa só crença, numa só Pátria, num só Deus.

Somos um Povo de mensagem e revelação e de profundo humanismo, que acreditou na vivência pacífica, que nos unimos pelo ânimo; somos um Povo que viveu e rezou, ao mesmo tempo em quatro Continentes.

Encontro com a vocação Atlântica; chamamento respondido com Ciência, Vocação, Audácia e Sacrifício.

Encontro com a vocação atlântica pelo sentido de união que o mar nos transmitiu; pelo Oceano nos ligamos aos Povos das costas de África, da América, Ásia e Oceania.

O Oceano foi o laboratório de ensaio e verificação do conhecimento científico mais avançado do século XV — As ciências dos Portugueses!

No oceano se estudaram os ventos, se estudaram novos métodos de marear e foi pelo oceano que fomos desenhando nova configuração da Terra, que veio pôr de parte a milenária teoria ptolomaica.

Sem notável espírito de audácia e sacrifício não era possível o avanço científico dos Portugueses de Quinhentos.

Foi defendida a tese e aprovado em debate que os nossos Descobrimientos em muito foram superiores às recentes descobertas espaciais, e se alguma dúvida houvesse, o facto de nas nossas viagens termos encontrado povos nossos irmãos, isto seria suficiente para demonstrar a nossa superioridade.

O Colóquio-Debate terminou por referir a importância dos Descobrimientos na Ciência Moderna e encheu a alma dos participantes da vontade de irmos a recupear um lugar cimeiro que no século XV tão brilhantemente ocupámos.

*Lopes Batalha*

**CAVES DA**  
**Montanha**  
A. HENRIQUES, L<sup>da</sup>

---

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Telegr.: Montanha  
Telefs 52260 e 52611  
Telex 53081  
Apartado 1 B  
3781 ANADIA CODEX



**«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES**

- 7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO I
- CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO I
- CONCURSO DE BRASÍLIA (1971) = 1 MEDALHA «OR» I
- CONCURSO DE BRASÍLIA (1976) = 1 MEDALHA «GRAND OR» I
- CONCURSO DE MILÃO (1976) = 2 MEDALHAS DE OURO I



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos  
Brandies - Aperitivos - Vinhos de Mesa